

da fé no mistério de Cristo contra as heresias cristológicas a partir de 633, até ao martírio em 662.

O livro apresenta, antes de mais uma breve trajetória biográfica de Máximo Confessor, com as suas facetas de monge, de errante, de confessor e de mártir (pp. 13-18). Segue-se um estudo crítico sobre a vida deste homem que foi um dos mais brilhantes teólogos da patrística oriental. O autor já não procede aí a uma simples descrição das facetas da personalidade e das peripécias da vida, mas faz o estudo crítico do palestino e «origenista», dos começos da querela monoenergista, do confessor que foi da fé em Jesus Cristo e do mártir.

A maior parte das páginas (45-133) é ocupada com uma série de nove documentos, apresentados em tradução francesa, precedidos de uma breve introdução explicativa e com razoável aparato crítico. Num anexo (pp. 135-165) Garrigues procura aprofundar o sentido da primazia romana em São Máximo Confessor, uma primazia que ele descobriu desde que teve de lutar para manter a confissão de fé da Igreja.

São Martinho, Papa, cruza-se com a vida de São Máximo por ocasião do sínodo de Latrão em 649, para o qual aquele o convidou a fim de exercer as funções de confessor e ao qual ele fez questão de estar presente, contra a vontade do imperador e da hierarquia bizantina. Um e outro acabaram sendo perseguidos por estes. Reencontraram-se em Constantinopla onde foram julgados e martirizados.

LUÍS SALGADO

BURGUERA NADAL, Maria Luísa, **Princesas, reinas y santas**, col. «Retratos de bolsillo», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2012, 143 p., 110 x 175, ISBN 978-84-285-3996-8.

Foi sobretudo ao longo da Idade Média cristã que se multiplicaram os casos de grandes figuras de mulheres que foram, ao mesmo tempo, princesas ou rainhas e santas. Este pequeno livro, muito prático até pelo seu formato de livro de bolso, proporciona ao leitor resumos biográficos de uma série (não exaustiva) dessas «mulheres de valor» a que já se referia o livro dos Provérbios (31, 10). A cultura do nosso tempo, embora ainda mantenha admiração por mulheres santas, como, entre outros, são os casos de Madre Teresa de Calcutá ou de Santa Benedita da Cruz (Edith Stein), em regra tem estado privada de exemplos de rainhas ou de princesas modelares ao nível da santidade. Tanto as mulheres em geral como, em especial, as que se integram em famílias reais, cultivam mais a glória pessoal (sobretudo pela via do vedetismo) que a glória de Deus e o serviço do próximo.

Num contexto cultural assim, as grandes figuras de rainhas e de princesas santas, ainda que tenham vivido em tempos remotos, ganham relevo de modelos dignos de admiração e, por si mesmos, são luzes a colocar no candelabro da Igreja para iluminar os caminhos do mundo. Assim o entendeu Maria Luísa Burguera Nadal, doutora em Filologia Românica e professora na Universidade de Castellón.

Nas páginas em que resumiu as suas biografadas, perpassam muitas dessas grandes mulheres: Helena e Pulquéria, Clotilde rainha de França, Radezunga, Berta, Adela e Irmina, Matilde mãe de Otón I, Adelaide de Itália, Cunegunda do Luxemburgo, Elgiva e Gisela, Cacilda de Castela, Margarida da Escócia, Isabel da Hungria, Inês de Praga, Isabel de França, Isabel de Portugal, Joana de França e Edviges da Polónia.

Um excelente livro para ter na mesa de cabeceira e adormecer sobre a sua suave e edificante leitura.

RAUL AMADO